

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS

A HOMOSSEXUALIDADE NA OBRA O CORTIÇO, DE ALUÍSIO DE AZEVEDO

Autora: Cleuza Alves de Jesus Leite

Orientadora: Rafael Eisinger Guimarães

JUINA/2010

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS

A HOMOSSEXUALIDADE NA OBRA O CORTIÇO, DE ALUÍSIO DE AZEVEDO

Autora: Cleuza Alves de Jesus Leite

Orientador: Rafael Eisinger Guimarães

“Trabalho apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas.”

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Solange Raquel Welber
Banca

Prof. Dr. Claudio Silveira Maia
Banca

Rafael Eisinger Guimarães
Orientador

Dedico este trabalho, primeiramente à Deus que nos momentos mais difíceis de minha vida esteve ao meu lado, também a estas pessoas que fizeram parte da minha vida: a meu esposo, que sempre está ao meu lado nas horas difíceis, as minhas amadas filhas, a minha mãe, que desde o começo do curso sempre me deu forças ajudando cuidar das minhas filhas, em especial a minha cunhada Solange que nunca mediu esforços para me ajudar e aos meus professores e orientador Rafael Guimarães, estas pessoas posso considerar que foram muito importantes durante todo o tempo e em um momento tão especial como este não posso deixar de agradecê-los.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido vida e saúde e muita força de vontade, para desempenhar este trabalho, pois desta forma, pude entrar em uma faculdade, aos coordenadores e professores da AJES, especialmente ao meu orientador Rafael Guimarães e aos professores, com quem pude contar sempre na minha vida acadêmica. Desejo que a dure eternamente.

“Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada... Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro...”

Clarice Lispector.

RESUMO

O preconceito e a discriminação enfrentados pelos homossexuais na sociedade do século XIX exprimem ainda a realidade contemporânea. Nesse sentido, esta pesquisa objetiva contribuir a desmistificação de uma visão crítica a respeito dos gêneros discriminados. Analisar a homossexualidade na obra *O Cortiço* não é tarefa fácil, uma vez que esta representa um marco histórico na abordagem do tema proposto neste trabalho em uma obra literária. Tendo em vista o aspecto histórico-social que contém na obra anteriormente referida. Analisar o Naturalismo, período em que a referida obra foi escrita, se faz pertinente na realização de uma leitura minuciosa do livro, estabelecendo uma correlação com os tempos atuais no que se refere à percepção da sociedade quanto à homossexualidade. Observa-se uma maior visibilidade da diversidade sexual, juntamente com as políticas de reconhecimento, valorização e respeito à homossexualidade e às múltiplas identidades de gênero, que nos fazem perceber o acirramento de manifestações homofóbicas. A partir destas concepções, a homossexualidade pode ser entendida como construção sócio-histórica e cultural e não como resultado de determinação biológica, como pretende-se mostrar neste trabalho.

Palavras-chaves: Naturalismo, Homossexualidade, Preconceito, Identidade.

Abstract

The prejudice and discrimination faced by the homosexuals in the society of the 19th century still express the contemporary reality. In that sense this research aims to contribute the demystification of a critical point of view regarding the discriminated individuals. Analyzing homosexuality in the work “The Slum” is not an easy task, since this represents a historical landmark in the approach of the theme proposed in this work in a literary way. Having in mind the social-historical aspect that is previously shown in the work referred. Analyzing Naturalism, period in which the referred work was written, it is pertinent in the accomplishment of a meticulous reading of the book, establishing a correlation with the present times in which it refers to the perception of the society to the homosexual relationship. A large visibility of the sexual diversity is observed, together with the recognition politics, valorization and respect to the homosexuality and multiple gender identities, that makes us, notice the irritation of the homophobic manifestations. Starting from these conceptions, the homosexuality can be understood as a socio-historical cultural and socio-historical construction and not as a result of biological determination, as it intends to show in this work.

KEY WORDS: Naturalism, Homosexuality, Prejudice, Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
REALISMO E NATURALISMO: A LITERATURA EM TRANSFORMAÇÃO	10
1.1 O NATURALISMO E O REALISMO NA FRANÇA E PORTUGAL	10
1.2 O NATURALISMO E O REALISMO NO BRASIL	13
1.3 AZEVEDO E A SUA PERSPECTIVA DE SOCIEDADE NO SÉCULO XIX	16
A HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO SOCIAL E NA LITERATURA.....	18
O CORTIÇO E A HOMOSSEXUALIDADE	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

Este trabalho baseia-se em uma das mais importantes obras do autor Aluísio de Azevedo “*O Cortiço*”, enfocando o Naturalismo, o Realismo e a homossexualidade, refletindo o contexto social, uma vez que rompe com as barreiras tradicionais da literatura brasileira, obra que provocou polêmica com suas inovações.

Uma das principais inovações naturalista é a abordagem de temas do cotidiano, com ênfase na realidade brasileira e nos problemas sociais. Portanto, Aluísio de Azevedo deixa estes temas de lado e passa a usar textos profundos, voltados para uma narrativa interiorizada centrada na vivência interior dos personagens, deixando o texto um tanto inusitado. O que provoca em seus leitores um estranho incômodo, atingindo-os em cheio, levando-os a descobrir um pouco mais do ser humano.

Este trabalho busca analisar características dos personagens Albino, Leônia e Pombinha levando em consideração um aspecto recorrente em algumas obras naturalista do autor, especificamente em “*O Cortiço*”, que retrata o contexto social dando ênfase ao conceito de homossexualidade masculina e feminina.

O primeiro capítulo descreve o Naturalismo e o Realismo na França, em Portugal e no Brasil.

O segundo capítulo discorre acerca da homossexualidade masculina e feminina no contexto social e na literatura, por fim o terceiro capítulo expõe a análise da obra e os principais personagens, na percepção de Aluísio de Azevedo com destaque para o entendimento da alma masculina e feminina, por meio desta obra que retrata alguns momentos de nossas vidas.

Pretende-se com este trabalho contribuir, nas discussões acerca de uma parte significativa da obra de Aluísio de Azevedo, apresentando as reflexões entre o mundo interno e externo dos personagens masculino e feminino, levando em consideração o fator psicológico, que é um dos aspectos significativos do período naturalista, perspectiva defendida pelo autor.

REALISMO E NATURALISMO: A LITERATURA EM TRANSFORMAÇÃO

1.1 O NATURALISMO E O REALISMO NA FRANÇA E PORTUGAL

Com base na pesquisa de Mônica dos Santos Gomes (2010), o Naturalismo surge num momento de grandes transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas na Europa. Com a Revolução Industrial e a Revolução Francesa ocorridas em meados do século XVIII, nasce uma nova ordem econômica (o capitalismo) e uma nova ordem social (a burguesia e o proletariado).

Com o surgimento da burguesia, dialeticamente surge o proletariado, classes sociais com interesses distintos que levarão às lutas de classes, auxiliadas ainda pelas ideias socialistas surgidas com a publicação do Manifesto do Partido Comunista.

O Naturalismo busca mostrar a realidade e, também, aprofundá-la, expor às mazelas sociais: os vícios, as paixões, os sentimentos humanos mais imorais e animalescos considerados baixos e sujos, estas características referem-se à burguesia e à classe operária. É um realismo fortalecido por uma teoria peculiar, de cunho científico, uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade.

A descrição minuciosa, a busca da veracidade, a influência da genética e do meio social eram fatores fundamentais na realização de uma obra naturalista. Para Zola, o pai do Naturalismo, e seus discípulos, o ambiente refletia a humanidade; se este era triste e sujo assim deveriam ser seus habitantes.

O Romance *experimental* foi defendido por Zola como única forma válida de literatura. Baseando-se no método desenvolvido pelo médico Claude Bernard e exposto na obra *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*, Zola faz uma transposição dessa teoria científica para a literatura, comparando o escritor com um médico, visto que o trabalho daquele é tão científico e preciso quanto deste. Tal método consiste em conhecer o determinismo dos fenômenos para poder dirigi-los. A experiência torna-se o único critério válido para a busca da verdade, devendo o cientista abster-se de qualquer capricho pessoal ou crenças, sejam religiosas, filosóficas ou mesmo científicas. Prevalece apenas a autoridade dos fatos observados (ZOLA apud GOMES, 2010, p.03).

Gomes (2010, p.4) descreve que essa teoria estabelece que fatores externos como a hereditariedade e o meio social são responsáveis pela formação do indivíduo. É importante salientar que essa teoria refere-se a algo futuro, pois, traçando o perfil de sua teoria, Zola visava alcançar algo vindouro, de forma que tal teoria não tinha ainda aplicação imediata.

A palavra-chave do estudo de Mônica Gomes é a observação, pois através deste ato é possível entender e determinar as grandes questões humanas. Compreender o comportamento, as paixões, taras, vícios, enfim as mazelas sociais. Os escritores naturalistas deveriam refletir essa realidade social em suas obras e não fantasiar subjetivamente como faziam os escritores românticos.

Para Coutinho (2002, p.10), o Realismo retrata a vida contemporânea, preocupando-se com os homens e as mulheres, com as emoções e temperamentos, sucessos e fracassos da vida no momento. Esse senso do contemporâneo é nato desta corrente, do mesmo modo que o romântico se volta ao passado ou ao futuro, encarando o presente, nas minas, nos cortiços, nas cidades, nas fábricas, na política, nos negócios, nas relações conjugais, etc. Qualquer conflito relacionado ao homem e ao seu ambiente ou circunstante é assunto para o realista.

Segundo Afrânio Coutinho (2001, p.188), o Naturalismo é a escola que se conforma com a natureza e utiliza dos métodos científicos de observação e experiência no tratamento dos fatos e das personagens. Esta corrente literária é fortemente influenciada pela teoria evolucionista de Charles Darwin. Desta forma, vê o homem sempre pelo lado patológico. Sob essa ótica, o ser humano se comporta como um ser irracional, isto é, não usa a razão, pois os seus impulsos naturais são mais intensos.

Ao longo da década de oitenta do século XIX, o Naturalismo declina como movimento literário, acompanhando a crise do positivismo e do materialismo. Ao mesmo tempo, crescia uma onda de reação idealista, humanista e religiosidade, gerada pelo cansaço com a crua pintura da realidade e com a crença de que arte e natureza se identificam.

Desse movimento desenvolveu-se um novo estilo, que se tornou comum às diversas artes, predominando em toda a Europa na última década do século XIX.

Segundo Pereira,

O romântico José de Alencar, o naturalista Aluísio Azevedo e a atual geração de romancistas do norte tiveram que vir para cá a fim de ganharem prestígio. Nas diversas tendências que aqui se encontram, congregando-se ou combatendo-se, as dos nortistas e, sobretudo, nordestinos, mais extrovertidos, e, portanto, mais aptos a observar, atuam no geral no sentido realista, ao passo que do centro e do sul chegam contribuições mais apontadas pela interiorização e pelo idealismo (PEREIRA, 1973 p.125).

Para Pereira, (1973, p.126), os romancistas teriam sido preparados para aceitar as novidades importadas, pela mesma inquietação que levara os pensadores a debater as recentes teorias filosóficas e científicas, participariam das mesmas disposições que deram vida à Escola do Recife, sofreram certamente as consequências da sua efervescência intelectual, mas dela não resultaram proximamente as suas obras. O agente decisivo foi o exemplo dos naturalistas europeus.

Coutinho (2002, p.10), aponta algumas diferenças encontradas por HIBBARD entre o Naturalismo e o Realismo, baseada no seu trabalho: "*Writers of the Western world*", publicado em Boston, no ano de 1942:

O Naturalismo é mais determinista, mais mecanicista: o homem é como um animal, preso de forças fatais e superiores sem efeito e impulsionado pela fisiologia em igualdade de proporções pelo espírito e pela razão. O Naturalismo observa o homem pelo método científico, impessoal e objetivamente, denotando inclinações reformadoras e preocupa-se com aspectos de inferioridade, visando à melhoria das condições sociais que a fizeram gerar. (...) Já o Realismo, procura apresentar a verdade por meio do retrato fiel de personagens, encarando a vida com objetividade (HIBBARD apud COUTINHO, 2002, p.10-12).

Para Afrânio (2002, p.4), é preciso encarar o Realismo e o Naturalismo como movimentos específicos do século XIX. Visto que, antes de se concretizarem numa época histórica, eles eram categorias estéticas ou temperamentos artísticos, tendências gerais da alma humana em diversos tempos, como Classicismo e Romantismo, surgindo o Realismo sempre que se dá a união do espírito à vida, pela objetiva pintura da realidade. Dessa forma, há realismo na bíblia e em Homero, na tragédia e comédia clássicas, em Chaucer, Rabelais e Cervantes. Do mesmo modo, o Naturalismo existe sempre que se reage contra a espiritualidade excessiva, como certas expressões do erotismo barroco ou na ficção naturalista do século XIX.

Para August Comte, as leis que reagem à sociedade são de ordem moral e não econômica. O espírito prevalece ao material ou sejam, as ideias sobre as necessidades. A liberdade está no espírito e não na busca das necessidades.

A sociabilidade essencialmente espontânea da espécie humana, em virtude de uma inclinação instintiva à vida comum, independentemente de qualquer cálculo pessoal, e muitas vezes malgrado os mais energéticos interesses individuais, não poderia, em princípio, ser contestada de modo algum por esses mesmos que não tomam em suficiente consideração as luzes indispensáveis que agora fornece, a este respeito, a sã teoria biológica da nossa natureza intelectual e moral. Não poderia, de resto, deter-me aqui sobre a menor apreciação direta dos diversos caracteres específicos, quer físico, quer morais, quer intelectual, que, uma vez assim estabelecida espontaneamente a existência social, tendem naturalmente a lhe fazer logo adquirir mais extensão e estabilidade, pelo próprio desenvolvimento que ela proporciona ao conjunto das necessidades humanas” (COMTE apud COVEZZI, 2000, p.10).

1.2 O NATURALISMO E O REALISMO NO BRASIL

Para Coutinho,

A palavra naturalismo é formada de natural+ismo, e significa, em filosofia, a doutrina para a qual na realidade nada tem um significado supernatural, e, portanto, as leis científicas, e não as concepções teológicas da natureza é que possuem explicações válidas, em literatura, é a teoria que anda de mãos dadas com a natureza, fazendo uso dos métodos de pesquisa científica para lidar com os casos e com as personagens (COUTINHO, 2001, p.188).

Comenta ainda, o referido autor, que:

O Naturalismo referencia-se ao contexto social, expondo a realidade externa, analisando os vícios e outros sofrimentos da sociedade. É a condição viva da realidade. É um realismo acrescentado de certos elementos, que o distingue e o torna inconfundível. Não é apenas um exagero ou uma forma reforçada do Realismo, pois, o termo inclui escritores que não se confundem com o Realismo (COUTINHO, 2001, p.188).

Essa temática também é um dos pontos em que há diferenças significativas entre o Naturalismo e o Realismo. Os naturalistas focam sempre em suas obras fatores referentes à patologia e ao meio social, tais como miséria e criminalidade, e

questões relacionadas ao sexo, como adultério e homossexualidade, tanto feminina quanto masculina. É com base nestes argumentos que nasce a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, obra que retrata a vida em um agrupamento populacional formado por negros, imigrantes italianos e portugueses, um contexto que acarretava uma vida primitiva repleta de miséria, onde lutavam vorazmente pela sobrevivência, entregando-se às intensas condições de existência na moradia coletiva.

Segundo Coutinho (2002, p.9), é impossível uma definição completa do Realismo, que é antes um temperamento, uma tendência, um estado de espírito, do que um gênero literário. Ele existe sempre que o homem prefere deliberadamente encarar os fatos, deixar que a verdade dite a forma, e subordinar os sonhos do real. Todavia, pode-se descrever as suas qualidades dominantes, as suas características principais. Essa escola literária procura apresentar a verdade, a verossimilhança no arranjo dos fatos selecionados, unificado, apontando numa direção, é essencial, e se traduz também no uso de emoção, que deve fugir ao sentimentalismo ou artificialidade.

O Realismo enfrenta a vida com objetividade, oferecendo uma explicação concreta. Não há influência do autor, que deixa as personagens agir uns sobre os outros, na procura da solução. O agente não embarça seus pensamentos com as emoções.

Partindo dessa nova era, a literatura ressurgiria com conceitos e percepções desafiadores para uma sociedade acostumada com um mundo belo e cheio de emoções pessoais. Dessa alternativa literária, pode-se citar o nascimento do Realismo. De acordo com Coutinho:

O Realismo encara a vida objetivamente. Não há intromissão do autor, que deixa as personagens e os circunstantes atuar uns sobre os outros, na busca da solução. O autor não confunde seus sentimentos e pontos de vista com as emoções e motivos das personagens (COUTINHO, 2001, p.187).

Oposto ao Romantismo, o Realismo retrata fielmente os acontecimentos da vida humana. A impessoalidade passa ser a base dos pensadores da época e as narrativas tornam-se mais detalhistas quanto à realidade observada, contrariando o uso intenso do romance, dos sentimentos e das paixões amorosas.

As semelhanças dessas correntes literárias são tão extensas, que, muitas vezes, é difícil considerar um autor e, até mesmo uma obra, pertencente a essa e ou

àquela corrente literária. Um bom exemplo é o escritor português Eça de Queirós, considerado por muitos críticos literários como sendo realista e, por outros, como naturalista.

Com base nas teorias estudadas até então, compreende-se que os escritores naturalistas enfocam a sua visão científica do Realismo, pois acreditam na ideia de que só as leis da ciência são corretas, renunciando assim, qualquer tipo de visão espiritualista e confiando que o comportamento do ser humano pode ser explicado cientificamente. O autor naturalista analisa o seu personagem bem de perto, procurando conhecer os motivos desse comportamento para atingir os objetivos desejados.

Diante dos estudos realizados, pode-se dizer que todo autor naturalista é também realista, todavia, nem todo realista é naturalista. Como já vimos em outros momentos, podemos acreditar que o Naturalismo é uma extensão do Realismo, porém, mais amplo.

Ao ler uma obra naturalista, tem-se a impressão de estar lendo um livro atual, que acabou de ser escrito. Tais textos exploravam temas como a homossexualidade, o incesto e o desequilíbrio que leva à loucura, criando personagens que eram dominados por seus instintos e desejos, pois viam no comportamento do ser humano traços de sua natureza animal, recurso denominado zoomorfização, que é uma forte concepção do Naturalismo, a partir da qual o ser humano é visto como um verdadeiro animal, conceito este influenciado pelo darwinismo, que vê o homem como um ser instintivo, condicionado pelo ambiente em que vive.

Com uma leitura mais profunda e precisa, nota-se algumas diferenças fundamentais entre o Naturalismo e o Realismo, as quais foram apresentadas por Coutinho, a partir das constatações de Hibbard. Nas palavras do crítico brasileiro:

Há, pois, diferenças fundamentais entre os dois, como mostra ainda Hibbard: 1) A visão da vida no Naturalismo é mais determinista, mais mecanicista: o homem é um animal, presa de forças fatais e superiores e impulsionado pela fisiologia em igualdade (...); 2) O Naturalismo observa o homem por meio do método científico, impessoal e subjetivamente, com um "caso" a ser analisado; 3) O Naturalismo denota inclinação reformadora: a sua preocupação com os aspectos de inferioridade visam à melhoria das condições sociais que a geraram (...). Em conclusão, o Realismo é a tendência literária que procura representar, acima de tudo, a verdade, isto é, a vida tal como

ela é, utilizando-se para isso da técnica da documentação e da observação romântica (COUTINHO, 2001, p.189-190).

1.3 AZEVEDO E A SUA PERSPECTIVA DE SOCIEDADE NO SÉCULO XIX

Segundo Francisco Achcar, (1996, p.7) para melhor compreender o sentido implícito da mais expressiva obra do Naturalismo brasileiro, é importante retratar a vida e perspectiva de mundo de seu autor. Conhecido como Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, nasceu em São Luiz do Maranhão em 1857. Permaneceu em sua cidade natal até os dezenove anos e, a convite do irmão mais velho, Artur Azevedo, mudou-se para o Rio de Janeiro. Azevedo era um jovem bastante talentoso, aproveitando-se da facilidade em desenhar e do senso crítico referente a sociedade para exercer várias atividades como cartunista em jornais políticos e humorísticos.

Após a morte do seu pai, o qual era vice-cônsul português em São Luiz do Maranhão, Azevedo regressou a São Luiz para velá-lo e ali trabalhou em uma imprensa de oposição com sátiras sobre o conservadorismo maranhense. Discordando com o período vigente, Aluísio lutou contra a escravatura, as injustiças sociais, o anonimato¹ do clero, a estrutura repressiva da sociedade. Por assumir essa opinião contrária à corrupção moral, sofreu então vários processos criminais por parte da Igreja.

Com essa percepção social, sua intervenção sofreu grandes polêmicas. A publicação do seu romance *O Mulato*, em 1881, retratando o preconceito racial vivido nas famílias ricas, incomodou tanto a população a ponto de Azevedo mudar-se novamente para o Rio de Janeiro onde se profissionalizou como escritor. No entanto, a autora Lúcia Miguel Pereira diz que:

A obra de Aluísio de Azevedo não realizou inteiramente a vocação de seu autor. Em dezesseis anos de atividade literária produziu doze romances, dez peças de teatro, que variam do drama a revista, um volume de contos, sem falar nas colaborações na imprensa. De tudo isso só ficaram *O Cortiço*, *O Mulato* e a *Casa de Pensão*, sendo que destes apenas o primeiro é realmente um grande livro (PEREIRA, 1973, p.143-144).

¹ Condição ou estado de anônimo; sem fama; obscuro.

Ainda assim, determinado, escreveu ininterruptamente e foi um dos poucos autores que, pressionado por dificuldades econômicas, escreveu sob encomenda e sobreviveu apenas por sua produção literária.

Já desgastado com a carreira de escritor e a intensificação dos problemas sociais, aos 38 anos de idade abandonou o que até então lhe trouxera uma fronteira na literatura, a arte de escrever. Aliado na diplomacia serviu em diversos países como Japão, Espanha, Uruguai, Inglaterra, Itália, Chile e Argentina. Ainda em missão, faleceu, aos 56 anos, em Buenos Aires.

A HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO SOCIAL E NA LITERATURA

Analisar o homossexualismo na obra *O Cortiço* não é uma tarefa fácil, pois aparece como um desafio de grande importância na abordagem da proposta deste trabalho monográfico, que enfoca o tema: “A Homossexualidade na obra *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo”.

Segundo Werebe (1998, p.44), o termo homossexualidade foi inventado em 1869, por um médico húngaro que solicitou ao ministro da justiça que fosse abolida a lei prussiana que condenava a relação entre indivíduos do mesmo sexo. Na sua concepção inicial, o termo era usado para descrever uma pessoa com certos atributos e não uma experiência universal. Embora por muito tempo fosse usado para designar os homossexuais masculinos, o termo se aplica aos dois sexos.

Vários termos foram e ainda são usados para designar o homossexual masculino: “invertido”, que está associado a “efeminado”, “louco”, “tante” (na França). Nos anos 1970, tornou-se frequente a utilização do termo americano “gay” (que significa alegre, entregue aos prazeres). Este termo “gay” nasceu nos Estados Unidos, depois das primeiras lutas do movimento homossexual no fim dos anos sessenta e faz referência a uma autodefinição por parte dos indivíduos. No Brasil, é comum designar o homossexual como “veado”.

Já o conceito heterossexualidade foi criado para designar a forma dita de normalidade sexual, associada à identidade de gênero e à identidade sexual. Com efeito, na maioria das sociedades patriarcais, masculinidade é identificada com heterossexualidade.

Para Maria José Garcia Werebe (1998, p.44), a homossexualidade sempre existiu, em todas as sociedades, mas a sua aceitação ou, ao contrário, a sua repressão variam no curso do tempo e segundo as culturas. As civilizações judaico-cristãs eram contra a homossexualidade. A Bíblia condenava severamente esta prática sexual. Com a extensão do cristianismo, tal ato permaneceu sendo considerado como um crime, fato que se estendeu à lei civil.

No século XIX, ainda se considerava a homossexualidade como um comportamento perigoso, criminoso, vicioso, como uma doença, estigma apoiado por médicos e com base nos preconceitos cristãos. Conforme assinala Werebe, utilizando-se das palavras de Karlen,

Nas sociedades não-ocidentais, a homossexualidade masculina foi, historicamente, menos severamente censurada, como por exemplo, no Japão medieval. Bordéis, com jovens adolescentes se encontravam no Norte da África, na Turquia na Pérsia, na Arábia de Oeste, no Cashemere, na Índia Muçulmana, na Indochina e na China. Os nazistas perseguiram cruelmente os homossexuais que foram obrigados a usar como distintivo triângulos rosas. Muitos deles foram deportados e assassinados (KARLEN apud WEREBE, 1998, p.45).

Na França, na Bélgica, na Espanha, na Itália não existem penas criminosas por atos homossexuais entre adultos, desde que haja o consentimento mútuo. Do mesmo modo, no Japão, Alemanha, Áustria, República Tcheca, Polônia, Holanda, Dinamarca, Suécia, Noruega e Grécia. Segundo Barroso e Bruschini,

No Brasil, o homossexualismo não é considerado crime, desde que os parceiros estejam de acordo. Se a prática for acompanhada por violência física ou grave ameaça, será considerado crime de atentado violento ao pudor, segundo o artigo 214 do código penal (BARROSO E BRUSCHINI apud WEREBE, 1998, p. 47).

Retomando a explicação de Werebe, nos movimentos homossexuais, masculinos e femininos, sobretudo nos Estados Unidos e em países europeus, cada vez mais adeptos reclamam o reconhecimento de sua condição, tendo influído junto à opinião pública, no sentido de aceitação e tolerância da homossexualidade e têm contribuído para a adoção de dispositivos legais contra a discriminação dos homossexuais. Atualmente, estes movimentos vêm lutando para obter a regularização das uniões entre homossexuais, com contratos legalmente constituídos. Na Suécia, Noruega, Dinamarca e Irlanda já foram aprovados o contrato de parceria entre pessoas do mesmo sexo.

Em alguns países, como na Holanda, há padres que realizam casamento entre homossexuais. Em janeiro de 1998, o matrimônio civil foi aprovado, para casais holandeses do mesmo sexo.

Em 1995, a deputada federal brasileira Márcia Suplicy apresentou um projeto à Assembléia Nacional para a legalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo, visando à proteção dos direitos à propriedade e a sucessão, tendo em vista

que esses indivíduos sofrem discriminação em relação à aquisição de um emprego, nas instituições educacionais e, até mesmo, no próprio seio familiar. A autora complementa tal relato ao afirmar que:

Não é fácil para grande número de homossexuais aceitarem e assumir um comportamento sexual socialmente reprovável, que pode levá-lo a ser rejeitados e mesmo ter conseqüências negativas sobre a carreira profissional e a própria integração na família (WEREBE, 1998, p. 48).

A homossexualidade ainda é um tabu² nos dias de hoje. No Brasil e em Portugal, o homossexualismo foi abordado na literatura de linha naturalista. No século XIX, assim como há pouco tempo, optar por alguém do mesmo sexo era visto como uma doença, um desvio de comportamento que levava o indivíduo a uma situação vergonhosa e humilhante.

Leonel (2001, p.136) resgata o período da inquisição e repressão da Igreja Católica. Período este em que Joana D'Arc, fora queimada viva no século XV, como cita o referido autor:

O caso mais conhecido desse período talvez seja o de Joana D'Arc, que foi queimada no século XV por vestir-se como homem, para poder lutar pela França à frente de uma tropa. Foi canonizada em 1920. Embora nada se saiba de concreto sobre as práticas sexuais de Joana, sabe-se que dormia sempre acompanhada de moças, como forma de defender sua virgindade. (LEONEL, 2001, p.136 apud OLIVEIRA, 2007, P. 3).

A partir dos anos 1930, houve uma recaptura do movimento feminista, que vai coincidir com o aparente sumiço das lésbicas. A autora revela também que só a partir do final da Segunda Guerra que o público feminino retoma o mercado de trabalho com mais intensidade. Em decorrência aos fatos citados, Leonel continua relatando que,

A década de 60 vai ser marcada pela intensificação das lutas feministas, pela liberação sexual e, concomitantemente, pelo aumento da visibilidade lésbica. No bojo dos grupos feministas começam a aparecer os primeiros grupos de militantes lésbicas. Os anos 70 vão, entretanto, marcar o início do divórcio entre lésbicas e feministas, representado pela intervenção de um grupo auto-intitulado "*Radicalesbians*" em um encontro feminista nos Estados Unidos (LEONEL, 2001, p.139).

² É um termo utilizado pela psicologia, sociologia e psiquiatria para designar um objeto ou ato rigorosamente proibido.

Analisando a fala da autora, após esse momento histórico, aparecem segmentos específicos voltados para a causa homossexual, às vezes reunindo homens e mulheres ou apenas lésbicas, sobretudo no final da década de 1970 e início dos anos 1980.

Segundo Foucault (1998, p.39), os tribunais podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem o consentimento dos pais ou a bestialidade. Na ordem civil, como na ordem religiosa, o que se levava em conta era um ilegalismo global. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida, também é morfologia, com uma anatomia³ indiscreta e, talvez, uma fisiologia⁴ misteriosa. Nada daquilo que é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia⁵, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma.

³ No sentido figurado, significa análise; exame minucioso.

⁴ Parte da biologia que estuda as funções dos órgãos nos seres vivos.

⁵ Sodomia é a relação sexual fora dos padrões normais entre indivíduos do mesmo sexo ou de sexos diferentes, ou ainda entre pessoas e animais.

CAPÍTULO III

O CORTIÇO E A HOMOSSEXUALIDADE

Segundo Alfredo Bosi (1994, p.190), só em “*O Cortiço*”, Aluísio Azevedo atinou de fato com a fórmula que combinava ao seu talento, desiste de montar o enredo em função de pessoas, prendendo-se à continuação de definições sucintas onde os dramas coletivos e tipos psicologicamente primários fazem no conjunto do cortiço a personalidade mais convincente do nosso conto naturalista. Permite-se questionar de que maneira a consciência do escritor percebia os grupos humanos, adotando uma expectativa do alto, de narrador onisciente, fazendo distinção entre a vida dos que já venceram como João Romão, o senhor da pedreira e do cortiço, e a luta dos humildes que se exaurem no trabalho da própria sobrevivência. Nas palavras do crítico,

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e loda-sa, começou a minhocar, a fervilhar, a crescer um mundo, uma coisa viva, uma geração que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro e multiplicar-se como larvas no esterco. (...) depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado de uma carroça, estrompado como uma besta (BOSI, 1994, p.191).

Conforme Dalcastagnè (2001, p.3), a obra “*O Cortiço*”, de Aluísio de Azevedo, suporta uma grande galeria de personagens. O cortiço do português João Romão é uma estrutura viva, que nasce com algumas tábuas roubadas e morre num incêndio. Nesse período, João Romão enriquece, explorando os miseráveis que moram ali e compram em sua venda e a negra Bertoleza, sua companheira. João passa a sonhar com a elevação social. Livra-se de Bertoleza, casa-se com a filha de Miranda, um comerciante português que se faz barão e torna-se ele próprio visconde, apagando seu passado. A obra não se restringe, é claro, a essa trama, apesar de ser a mais interessante. Está em discussão toda a constituição da nação brasileira, através da miscigenação racial e cultural. Ao longo do romance, contaminado pelos preconceitos da época, vão surgindo os diversos modos de adaptação do português ao Brasil, além da luta dos negros e, principalmente, dos mestiços pela sobrevivên-

cia. Desse convívio de indivíduos vai se fazendo o romance, como ia se fazendo a nação.

Segundo Antonio Cândido (1991, p. 115), na obra “*O Cortiço*”, João Romão não se distingue inicialmente pelos hábitos da escrava Bertoleza, mas é o princípio construtor e animador da morada coletiva, de cuja exploração dura vai tirando os meios que elevam no fim do livro ao andar da burguesia, pronto para ser Comendador ou Visconde.

A partir das leituras de Afrânio Coutinho (2002) e Antonio Candido (1991), é possível afirmar que Miranda e João Romão, protagonistas da obra *O cortiço*, são figuras que se completam, simulando momentos distintos nesse processo de formação das elites brasileiras. Miranda foi o português que chegou antes e se adaptou com certa facilidade ao país, casou-se com a filha do patrão e tornou-se rico. Vive num luxuoso sobrado, ao lado do *cortiço*, passou a odiar a mulher, que o traía descaradamente. Não é necessário falar mais sobre ele e sobre a forma como cresceu socialmente, porque essa parte de sua história vai ser, de alguma maneira, reproduzida por João Romão. Seus passos se assemelham aos percorridos antes por Miranda, que vamos acompanhar no romance.

O Cortiço, publicado em 1890, foi a primeira obra nacional a expor um relacionamento lésbico. O livro, pertencente ao Naturalismo, conta a história dos moradores de um *cortiço* no bairro do Botafogo, no Rio de Janeiro, pioneiro dos problemas sociais que enfrentamos hoje na sociedade, com crescimento desordenado das favelas. Seus moradores eram imigrantes, mestiços, negros que ao receberem sua “liberdade”, desassistidos de qualquer amparo, migraram em massa para as grandes cidades, dentre outros problemas.

Em seu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “*O Cortiço*: Retrato atemporal da Sociedade Brasileira”, Fabiana de Oliveira Volitzki aponta o sentimento de inveja, ganância e poder entre João Romão e Miranda. João sabe que Miranda se tornara rico por ter se casado com dona Estela, uma moça rica, e ao casar-se, torna-se herdeiro de valioso dote, com o qual monta sua casa comercial e vende tecidos para o seu sogro. Para manter sua posição social, Miranda fora capaz até de suportar as traições de sua esposa, conforme trecho em destaque:

(...) ficou furioso e o seu primeiro impulso de mandá-la para o diabo junto com o cúmplice; mas a sua casa comercial garantia-se com o dote que ela trouxera uns oitenta contos de réis em prédios e ações da dívida pública, de que se utilizava o desgraçado tanto quanto lhe permitia o regime dotal. Além de que, um rompimento brusco seria obra para escândalo doméstico ficava muito mal a um negociante de certa ordem (AZEVEDO, 2005, p. 9)

O adultério no relacionamento entre Estela e Miranda é evidente no fragmento citado. O casamento dos dois personagens era apenas por interesses financeiros, quando a mulher entra com o dinheiro (dote) e o homem administra-o. Miranda consente o adultério da esposa apenas para manter a aparência e pelo dote que recebera, o qual mantém suas despesas cotidianas e seus negócios.

(...) Prezava, acima de tudo, a sua posição social e tremia só com a idéia de ver-se novamente pobre, sem recursos e sem coragem para recomeçar a vida, depois de se haver habituado a umas tantas regalias e afeito à hombridade de português rico que já não tem pátria na Europa. Acovardado de frente destes raciocínios, contentou-se com uma simples separação de leitos, e os dois passaram a dormir em quartos separados. Não comiam juntos, e mal trocavam entre si uma ou outra palavra constrangida, quando qualquer inesperado acaso os reunia a contragosto (AZEVEDO, 2005, p.9-10).

Com o passar do tempo, Miranda e dona Estela começaram a se odiar, sentindo uma enorme repulsa um pelo outro, que fora se transformando em ódio e nojo. O nascimento da filha Zulmira, que deveria amenizar a situação, veio complicar ainda mais. A coitada da criança inocente, que poderia servir de consolo para unir seus pais, passou a estabelecer mais distância entre os dois. A própria mãe perdera o amor pela filha por conta de seu relacionamento com o marido, o qual detestava a pequena criança, pois desconfiava não ser o pai. No entanto, sofria com a solidão e o desejo de possuir sua esposa para satisfazer seus desejos de homem. Este enfoque cita tal comportamento no fragmento abaixo:

(...) Uma bela noite, porém, o Miranda, que era homem de sangue esperto e orçava então pelos seus trinta e cinco anos, sentiu-se em insuportável estado de lubricidade. Era tarde já e não havia em casa alguma criada que lhe pudesse valer. Lembrou-se da mulher, mas repeliu logo esta idéia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la. Entretanto este mesmo fato de obrigação em que ele se colocou de não servir-se dela, a responsabilidade de desprezá-la, como que ainda mais lhe assanhava o desejo da carne, fazendo da esposa infiel um fruto proibido. Afinal, coisa singular, posto que moralmente nada diminuísse a sua repugnância pela perjura, foi ter ao

quarto dela. (...) Estela, como se o olhar do marido lhe apalpassse o corpo, torceu-se sobre o quadril da esquerda, repuxando com as coxas o lençol para a frente e patenteando uma nesga de nudez estofada e branca. O Miranda não pôde resistir, atirou-se contra ela, que, num pequeno sobressalto, mais de surpresa que de revolta, desviou-se, tornando logo e enfrentando com o marido. E deixou-se empolgar pelos rins, de olhos fechados, fingindo que continuava a dormir, sem a menor coragem de separar-se de casa, havia, mais cedo ou mais tarde, de procurá-la de novo. Conhecia-lhe o temperamento, forte para desejar e fraco para resistir ao desejo (AZEVEDO, 2005, p.9-11).

Miranda, com seu orgulho ferido e envergonhado por ter procurado a mulher, jurou nunca mais agir de tal maneira, entendeu sua atitude de busca, uma burrice sem tamanho, como mostra o trecho abaixo:

Consumado o delito, o honrado negociante sentiu-se tolhido de sua vergonha e arrependimento. Não teve ânimo de dar palavra, e retirou-se tristonho e murcho para o seu quarto de desquitado. – Oh como lhe doía agora o que acabava de praticar na cegueira de sua sensualidade. – Que cabeçada! (...) No dia seguinte, os dois viram-se e evitaram-se em silêncio, como se nada de extraordinário houvera entre eles acontecido na véspera. Dir-se-ia até que, depois daquela ocorrência, o Miranda sentia crescer o seu ódio contra a esposa. E, à noite desse mesmo dia, quando se achou sozinho na sua cama estreita, jurou mil vezes aos seus brios nunca mais, nunca mais, praticar semelhante loucura (AZEVEDO, 2005, p.11).

A obra traz fortes traços de homossexualidade, cuja trama, surge através das personagens Pombinha, Leónie e o lavadeiro Albino:

Fechava a fila das primeiras lavadeiras, o Albino, um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caía, numa só linha, até ao pescocinho mole e fino. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo; em presença dele falavam de coisas que não exporiam em presença de outro homem; faziam-no até confidente dos seus amores e das suas infidelidades, com uma franqueza que o não revoltava, nem comovia. Quando um casal brigava ou duas amigas se disputavam, eram sempre Albino quem tratava de reconciliá-los, exortando as mulheres à concórdia (AZEVEDO, 2005, p.34-35).

Ao mesmo tempo em que o narrador da obra de Aluísio já anuncia a homossexualidade de Albino e sua interação com as mulheres do cortiço, também retrata o preconceito da sociedade, especialmente, dos novos representantes políticos que poderiam surgir como se observa no seguinte trecho:

Dantes encarregava-se de cobrar o rol das colegas, por amabilidade; mas uma vez, indo a uma república de estudantes, deram-lhe lá, ninguém sabia por que, uma dúzia de bolos, e o pobre-diabo jurou então, entre lágrimas e soluços, que nunca mais se incumbiria de receber os róis (AZEVEDO, 2005, p.35).

Segundo Picazzio (1998, p. 30), a maioria das pessoas diagnostica alguém como homossexual pela sua forma de se comportar socialmente, se homens, mais afeminados, e se mulheres, mais masculinizadas, o que consiste em um grande erro, uma vez que já vimos que uma pessoa pode ter a sua orientação de desejo direcionada para uma pessoa do sexo oposto e ter esses mesmos comportamentos. Por exemplo: um cabeleireiro pode ser tanto hetero como homossexual; um homem que não goste de futebol tanto pode ser hetero quanto homossexual. É extremamente importante que não nos detenhamos nos papéis sexuais para determinar se esta ou aquela pessoa é ou não homossexual. É o que acontece com a personagem Albino, por comportar-se de tal forma, já é visto como homossexual. Prova disto pode ser observada no texto abaixo:

(...) E daí em diante, com efeito, não arredava os pezinhos do cortiço, a não ser nos dias de carnaval, em que ia vestido de dançarina, a passear à tarde pelas ruas e à noite dançar nos bailes dos teatros. Tinha verdadeira paixão por este divertimento; juntava dinheiro durante o ano para gastar todo com a mascarada. E ninguém o encontrava, domingo ou dia de semana, lavando ou descansando, que não estivesse com a sua calça branca engomada, a sua camisa limpa, um lenço ao pescoço, e, amarrado à cinta, um avental que lhe caía sobre as pernas como uma saia. Não fumava, não bebia espíritos e trazia sempre as mãos geladas e úmidas (AZEVEDO, 2005, p.35).

Conforme Daniel-Henri Pageaux (2004, p.138), a imagem tem, surpreendentemente, todas as características de uma língua. Bastaria recordar os elementos de definição de uma língua apresentados por Emile Benveniste e aplicá-los, sem qualquer tipo de esquematismo, a uma imagem: enunciação; constituição em unidades distintas de que cada uma é signo; referência para todos os membros de uma comunidade. (...) A imagem é claramente uma segunda língua, uma linguagem.

Desta forma, notamos que a personagem Albino sofre constantes discriminações em relação a sua imagem, ao que o povo vê e pensa, sem ao menos saber de fato o que se passa pela sua cabeça. Em momento algum da obra “*O Cortiço*”

fica explícito que Albino é homossexual, mas devido ao seu estilo de se vestir e comportar-se, já se imagina que o é. No entanto, depende do olhar de cada um, como citamos anteriormente.

Albino é, no entanto, um estereótipo, que deixa claro sua maneira de ser através de sua cultura, seu modo de se expor, andar e se vestir, mostrando de tal forma a ser encarado como um homossexual. Podemos esclarecer melhor este assunto com a informação de Pageaux:

O estereótipo é, claramente, uma espécie de síntese, uma expressão emblemática de uma cultura, de um sistema ideológico e cultural. (...) Portador de uma definição do outro, o estereótipo é o enunciado de um saber dito coletivo que se quer válido em qualquer momento histórico. (...) representa ao seu modo uma fusão, uma confusão particularmente conseguida e eficaz. (...) Na realidade, o estereótipo coloca de forma implícita, uma constante hierarquia, uma verdadeira dicotomia do mundo e das culturas. Dizer que o francês é um bebedor de vinho é um estereótipo na medida em que esta autodefinição se opõe de forma primeira, essencial, ao inglês bebedor de chá ou ao alemão bebedor de cerveja. E esta oposição visa, na realidade, estabelecer uma hierarquia a favor do francês, no interior de uma cultura “francesa” (PAGEAUX, 2004, p.141).

Quanto a Pombinha, ela é uma jovem, órfã de pai, cuja mãe aguarda impaciente que ela se torne mulher para poder se casar e melhorar a situação econômica da família:

A filha era a flor do *cortiço*. Chamavam-lhe Pombinha. Bonita, posto que enfermiça e nervosa ao último ponto; loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família. A mãe não lhe permitia lavar, nem engomar, mesmo porque o médico a proibira expressamente. [...] Pombinha era muito querida por toda aquela gente. Era quem lhe escrevia as cartas; quem em geral fazia o rol para as lavadeiras; quem tirava as contas; quem lia o jornal para os que quisessem ouvir. Prezavam-na com muito respeito e dava-lhe presentes, o que lhe permitia certo luxo relativo. Andava sempre de botinhas ou sapatinhos com meias de cor, seu vestido de chita engomado (AZEVEDO, 2005 p. 33-34)

Pombinha, menina-moça de dezoito anos, frágil e com destino certo, estava noiva de um comerciante. A jovem, querida por todos, estava prestes a viver experiências impensáveis quando dá início com Leónie a uma relação íntima, que vai além dos contatos de madrinha e afilhada.

Leónie é uma cocote de trinta mil-réis para cima, (...) Procedência francesa e chama atenção com as suas roupas exageradas e barulhentas de cocote à francesa, levantava rumor quando lá ia e punha expressões de assombro em todas as caras. O seu vestido de seda cor de aço, enfeitado de encarnado sangue de boi, curto, petulante, mostrando uns sapatinhos à moda com um salto de quatro dedos de altura; as suas lavas de vinte botões que lhe chegavam até aos sovacos; a sua sombrinha vermelha, sumida numa nuvem de rendas cor-de-rosa e com grande cabo cheio de arabescos extravagantes (AZEVEDO, 2005 p.98).

Imagine, em pleno século XIX, Azevedo descrevendo implicitamente a atração íntima sentida entre duas mulheres. Percebe-se isso quando Pombinha reencontra mesmo que rapidamente Leónie:

(...) E a menina deixou a mãe um instante ao número 15 e seguiu sozinha para ali, radiante de alegria. Gostavam-se muito uma da outra. A cocote recebeu-a com exclamações de agrado e beijou-a nos dentes e nos olhos repetidas vezes.

— Então, minha flor, como está essa lindeza! Perguntou-lhe, mirando-a toda.

— Saudades suas... Respondeu a moça, rindo bonito na sua boca ainda pura. E uma conversa amiga, cheia de interesse para ambas, estabeleceu-se, isolando-as de todas as outras (AZEVEDO, 2005, p.102).

Leónie, apesar de ser uma luxuosa prostituta, sentira também atração pela sobrinha, mas tentava esconder esse sentimento das outras pessoas, pedindo segredo a Pombinha:

(...) – Por um pouco que não me apanhas... – Continuou a cocote na sua conversa com a menina. – Se a pessoa que me vem buscar tivesse chegado, eu estaria longe... acarinhar-lhe os cabelos: – Por que não me apareces?... Não tens que recear: minha casa é muito sossegada... Já lá têm ido famílias!... E a palestra durou animada até que chegou daí a um quarto de hora, o rapaz por quem esperava Leónie. (...) A cocote, logo que o viu aproximar-se, disse baixinho à menina: – Não é preciso que ele que vais lá domingo, ouviste? (AZEVEDO, 2005, p.102).

No dia seguinte, Pombinha acordara muito cansada e irritada, estava doente e com os lábios secos e tristonhos, como uma planta murcha e sem ânimo para viver, como expressa a seguinte referência:

O passeio à casa de Leónie fizera-lhe mal. Trouxe de lá impressões de íntimos vexames, que nunca mais se apagariam por toda a sua vida. A cocote recebeu-a de braços abertos, radiante com apanhá-la junto de si, naqueles

divãs fofos e traidores, entre todo aquele luxo extravagante e requintado próprio para os vícios grandes. Ordenou à criada que não deixasse entrar ninguém, ninguém, nem mesmo o Bebê, e assentou-se ao lado da menina, bem juntinho uma da outra, tomando-lhe as mãos, fazendo-lhe uma infinidade de perguntas, e pedindo-lhe beijos, que saboreava gemendo, de olhos fechados (AZEVEDO, 2005, p.125).

E retornando a falar de Albino, o “coitado” que era debochado por Rita Baiana, e por outras pessoas, tinha sempre sua defesa com palavras, conforme citação abaixo:

(...) é que não comia quase nada e o pouco que conseguia meter no estômago fazia-lhe mal. Rita, para bolir com ele, disse que semelhante fastio era gravidez com certeza.

– Você já começa, hein?... – balbuciou o pobre moço, esgueirando-se com a sua xícara de café.

– Olha, cuidado! – Gritou-lhe a mulata. – Pouco café, que faz mal ao leite, e a criança pode sair trigueira!

O Albino voltou-se para dizer muito sério à Rita que não gostava dessas brincadeiras. (...) Albino declarou, quase chorando, que ele não mexia com pessoa alguma, e que ninguém, por conseguinte, devia mexer com ele.

– Mas afinal – perguntou Pórfiro – é mesmo exato que este pamonha não conhece mulher?...

– Ele é quem pode responder! – acudiu a mulata. E esta história vai ficar hoje liquidada! Vamos lá, ó Albino! Confessa-nos tudo, ou mal te terás de haver com a gente!

– Se eu soubesse que era para isso que me chamaram não tinha vindo cá, sabe? Gaguejou o lavadeiro, amuado. Eu não sirvo de palito! (AZEVEDO, 2005 p. 67).

Albino retirou-se muito revoltado e choroso, quando de repente, Rita dirigiu-se a ele como se tivesse falando com alguém do mesmo sexo, porém mais sensível que ela: – “Ora, não seja tolo! Deixa-te ficar aí! Se deres o cavaco é pior! Albino limpou as lágrimas e foi sentar-se de novo” (AZEVEDO, 2005, p. 67).

Para Picazzio (1998, p. 99), o preconceito é um pré-julgamento, um sentimento ou resposta antecipado a coisas ou pessoas, portanto não se baseia em experiências reais. Os preconceitos podem ter um valor positivo ou negativo. Positivo quando, sem conhecimento real, já há uma valorização de alguma coisa, como achar que viver em Nova York é melhor do que morar em qualquer outro lugar, mesmo sem haver estado lá. É negativo quando dizemos, por exemplo, que todas as mulheres loiras são burras. Os dois implicam um julgamento generalizado e sem

fundamento, pois somente quem tivesse vivido em Nova York e em todas as cidades do mundo poderia dizer que lá é melhor, e só quem conhecesse burras poderia fazer a segunda afirmação.

Para ficar mais à vontade com Pombinha, Leónie oferece vinho à dona Isabel, que não estava acostumada a beber, sentiu-se sonolenta, daí então, fora deitar-se num confortável quarto franqueado por Leónie e trancado por fora, na intenção de livrar-se de incômodos, enquanto curtia a sobrinha:

– Vem cá, minha flor!... – Disse-lhe, puxando-a contra si e deixando-se cair sobre um divã. – Sabes? Eu te quero cada vez mais!... Estou louca por ti!

E devorava-a de beijos violentos, repetidos, quentes, que sufocavam a menina, enchendo-a de espanto e de um instintivo temor, cuja origem a pobrezinha, na sua simplicidade, não podia saber qual era.

A cocote percebeu seu enleio e ergueu-se, sem largar-lhe a mão.

Descansemos nós também um pouco... – propôs, arrastando-a para a alcova. Pombinha assentou-se, constrangida, no rebordo da cama e, toda perplexa, com vontade de afastar-se, mas sem ânimo de protestar, por aca-nhamento, tentou reatar o fio da conversa que elas sustentavam um pouco antes, à mesa, em presença de dona Isabel. Leónie fingia prestar-lhe atenção e nada mais fazia do que afagar-lhe a cintura, as coxas e o colo. Depois, como que distraidamente, começou a desabotoar-lhe o corpinho do vestido (AZEVEDO, 2005, p.126).

Pombinha coitada, toda envergonhada e sem jeito de escapar das tentações, apenas reagia com palavras, desesperadamente:

– Não! Para quê!... Não quero despir-me...

–Mas faz tanto calor... Põe-te a gosto...

– Estou bem assim. Não quero!

– Que tolice a tua...! Não vês que sou mulher, tolinha?... De que tens medo?... Olha! Vou dar exemplo!

E num relance, desfez-se da roupa, e prosseguiu na campanha.

A menina, vendo-se decomposta, cruzou os braços sobre o seio, vermelha de pudor.

– Deixa! – Segredou-lhe a outra, com os olhos envesgados, a pupila trêmula.

E, apesar dos protestos, das súplicas e até das lágrimas da infeliz, arrancou-lhe a última vestimenta, e precipitou-se contra ela, a beijar-lhe todo o corpo, a empolgar-lhe com os lábios o róseo bico do peito. (AZEVEDO, 2005, p.126).

Apesar dos apelos de Pombinha, Leónie não se incomodava com a situação e continuava a assediar a menina que lutava e gritos:

– Oh! Oh! Deixa disso! Deixa disso! – Reclamava Pombinha, estorcendo-se em cócegas, e deixando ver preciosidades de nudez fresca e virginal, que enlouqueciam a prostituta.

– Que mal faz?... Estamos brincando...

Não! Não! – balbuciou a vítima, repelindo-a.

– Sim! Sim! Insistiu Leónie, fechando-a entre os braços, como entre duas colunas; e pondo em contacto com o dela todo o seu corpo nu (AZEVEDO, 2005, p.126).

Pombinha lutava contra os assédios da madrinha, que insistira em provocações enlouquecidas, feito animal no cio:

Pombinha arfava, relutando; mas o atrito daquelas duas grossas pommas irrequietas sobre seu mesquinho peito de donzela impúbere e o rogar vertiginoso daqueles cabelos ásperos e crespos nas estações mais sensíveis da sua feminilidade, acabaram por foguear-lhe a pólvora do sangue, desertando-lhe a razão ao rebate dos sentidos.

Agora, espolinhava-se toda, cerrando os dentes, fremindo-lhe a carne em crispções de espasmo; ao passo que a outra, por cima, doida de luxúria, irracional, feroz, relutava, em corcovos de égua, bufando e relinchando (AZEVEDO, 2005, p.126-127).

Pombinha continuava persistindo na tentativa de escapar das tentações de Leónie, que mais parecia uma desvairada de tanta paixão pela afilhada:

E metia-lhe a língua tesa pela boca e pelas orelhas, e esmagava-lhe os olhos debaixo dos seus beijos lubrificandos de espumas, e mordida-lhe o lóbulo dos ombros, e agarrava-lhe convulsivamente o cabelo, como se quisesse arrancá-los aos punhados. Até que com o um assomo mais forte, devorou-a num abraço de todo o corpo, ganindo ligeiros gritos, secos, curtos, muito agudos, e afinal desabou para o lado, exânime, inerte, os membros atirados num abandono de bêbedo, soltando de instante a instante um soluço estrangulado. (...) A impudica, mal orientada ainda e sem conseguir abrir os olhos, procurou animá-la, ameigando-lhe a nuca e as espáduas. Mas Pombinha parecia inconsolável, e a outra teve de erguer-se a meio e puxá-la como uma criança para o seu colo, onde ela foi ocultando o rosto, a soluçar baixinho (AZEVEDO 2005, p.127).

Passando-se alguns dias, Pombinha tornou-se mulher e fora anunciar tamanha grandeza à sua mãe, que significava uma belíssima notícia, a mais desejada no

momento. Dona Izabel saiu gritando a toda vizinhança a informação que acabara de receber:

(...) Não se pode conter: enquanto Pombinha mudava de roupa, saiu ela ao pátio, apregoando aos quatro ventos a linda notícia. E, se não fora a formal oposição da menina, teria passeado em triunfo a camisa ensanguentada, para que todos vissem bem e para que todos adorassem, entre hinos de amor, que nem a uma verônica sagrada de Cristo.

– Minha filha é mulher! Minha filha é mulher!

O fato abalou o coração do *cortiço*, as duas receberam parabéns e felicitações. Dona Izabel acendeu velas de cera à frente do seu oratório, e nesse dia não pegou mais no trabalho, ficou estonteada, sem saber o que fazia, a entrar e sair de casa, radiante de ventura. De cada vez que passava perto da filha dava-lhe um beijo na cabeça e em segredo recomendava-lhe todo o cuidado. “Que não apanhasse umidade! Que não bebesse coisas frias! Que se agasalhasse o melhor possível e, no caso de sentir o corpo mole, que se metesse logo na cama! Qualquer imprudência poderia ser fatal!... (AZEVEDO 2005, p.133-134).

E como se não bastasse, dona Izabel fez uma grande festa para a filha:

(...) A velha convidara gente para jantar; matou duas galinhas, comprou garrafas de vinho, e, à noite, serviu, às nove horas, um chá com biscoitos. Neném e a das Dores apresentaram-se com trajes de festa; fez-se muita cerimônia; conversou-se em voz baixa, formando todos em volta de Pombinha uma solícita cadeia de agrados, uma respeitosa preocupação de bons desejos, a que ela respondia sorrindo comovida, como se exalando da frescura da sua virgindade um vitorioso aroma de flor que desabrocha (AZEVEDO 2005, p.134).

Pombinha, após preparar seu enxoval, casou-se com seu noivo, João da Costa, que posteriormente sofrera fortes decepções com a esposa, que passou a traí-lo com frequência, chegando ao ponto de tornar-se prostituta e companheira de sua madrinha Leónie:

(...) Pobre Pombinha! No fim de seus primeiros dois anos de casada já não podia suportar o marido; todavia, a princípio, para conservar-se mulher honesta, tentou perdoar-lhe a falta de espírito, os gostos rasos e a sua risonha e fatigante parlemice de homem sem ideal; ouviu-lhe resignada, as confidências banais nas horas íntimas do matrimônio; atendeu-o nas suas exi-

gências mesquinhas de ciumento que chora(...) O marido não deu logo pela coisa, mas começou a estranhar a mulher, a desconfiar dela e a espreitá-la, até que um belo dia, seguindo-a na rua sem ser visto, o desgraçado teve a dura certeza de que era traído pela esposa, não mais com o poeta libertino, mas com um artista dramático que muitas vezes lhe arrancara, a ele, sinceras lágrimas de comoção, declarando no teatro em honra da moral triunfante e estigmatizando o adultério com a retórica mais veemente e indignada(...) Pombinha desapareceu da casa da mãe. Dona Izabel quase morre de desgosto. Para onde teria ido a filha?... (...) Só a descobriu semanas depois; estava morando num hotel com Leônia. A serpente vencia afinal: Pombinha foi, pelo seu próprio pé, atraída, meter-se-lhe na boca. A pobre mãe chorou a filha como morta; mas, visto que os desgostos não lhe tiraram a vida por uma vez e, como a desgraçada não tinha com que matar a fome, nem forças para trabalhar, aceitou de cabeça baixa o primeiro dinheiro que Pombinha lhe mandou. E, desde então, aceitou sempre, constituindo-se a rapariga no seu único amparo da velhice e sustentando-se com os ganhos da prostituição. Depois, como neste mundo uma criatura a tudo se acostuma, Dona Izabel mudou-se para a casa da filha. Mas não aparecia na sala quando havia gente de fora, escondia-se; e se algum dos frequentadores de Pombinha a pilhava de improviso, a infeliz, com vergonha de si mesma, fingia-se criada ou dama de companhia (...) Chorava sempre que a via entrar em ébria, fora de horas, depois de uma orgia; e, de desgosto em desgosto, foi-se sentindo enfraquecer e enfermar, até cair de cama e mudar-se para uma casa de saúde, onde afinal morreu. Agora as duas cocotes, amigas inseparáveis, terríveis naquela inquebrantável solidariedade, que fazia delas uma só cobra de duas cabeças, dominavam o alto e o baixo Rio de Janeiro (AZEVEDO 2005, p. 224).

Conforme Junqueira (2009, p. 62) a compreensão do preconceito e da discriminação sofridos por homossexuais a partir da fobia tem como elemento central as dinâmicas individuais experimentadas pelos sujeitos e presentes em sua socialização. A idéia de heterossexismo apresenta-se como alternativa a esta abordagem, designando um sistema em que a heterossexualidade é institucionalizada como norma social, política, econômica e jurídica, não importa se de modo explícito ou implícito. Uma vez institucionalizado, o heterossexismo manifesta-se em instituições culturais e organizações burocráticas, tais como a linguagem e o sistema jurídico. Daí advém, de um lado, superioridade e privilégio a todos que se adéquam a tal parâmetro e de outro, opressão e prejuízos a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e até mesmo a heterossexuais que porventura se afastem do padrão de heterossexualidade imposto.

Explica ainda o autor:

Na ideologia e no sistema heterossexistas, mais do que uma questão de preferência ou orientação sexuais, o binômio heterossexualidade/homossexualidade é critério distintivo para o reconhecimento da dignidade dos sujeitos e para a distribuição dos benefícios sociais, políticos e econômicos. Isto, porque o pertencimento a grupos inferiorizados implica a res-

trição, quando não a supressão completa e arbitrária de direitos e de oportunidades, seja por razões jurídico-formais, seja pelo puro e simples exercício da força física bruta ou em virtude dos efeitos simbólicos das representações sociais (...) de fato, a literatura dedicada à homossexualidade dialoga constantemente com a noção de gênero (JUNQUEIRA, 2009, p. 63-64).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho explanou uma das mais importantes obras de Aluísio de Azevedo, *O Cortiço*, na qual o autor aborda, dentre outras questões, a homossexualidade. A abordagem de temas do cotidiano é uma das principais inovações naturalistas com ênfase na realidade brasileira e nos problemas sociais. Sendo assim, Azevedo passa a utilizar textos voltados para uma narração focada na descrição das mazelas vividas pelos personagens, provocando certo incômodo em seus leitores, induzindo-os a desvendar um pouco mais do ser humano.

O Naturalismo é uma corrente literária que se molda com a natureza e faz uso de processos científicos, no intuito de desempenhar observações e exames no que se refere aos fatos e às personagens. É uma tendência profundamente influenciada pela teoria evolucionista de Charles Darwin, que percebe o homem geralmente pelo lado patológico, sendo visto como um ser bruto, com atitudes animais. Todavia, podemos entender os pretextos dos personagens dentro do Naturalismo, o qual fora cultivado no Brasil por Aluísio Azevedo.

A partir da realização deste trabalho de conclusão podemos considerar as principais características dos personagens Albino, Leónie e Pombinha em relação à homossexualidade tanto masculino quanto feminino, como também o preconceito social vivido por Albino e por Leónie, que percorre uma dupla personalidade, ora prostituta, ora homossexual. Lembrando ainda que a homossexualidade tem sido um constante tabu na sociedade brasileira, o qual sempre existiu, obtendo olhares preconceituosos. Por fim, podemos retratar a realidade de forma objetiva, deparando com grupos marginalizados e vítimas de preconceitos.

A homossexualidade está presente em todas as partes, sem distinção de classes sociais, etnias, raças e religiosidades. Não há possibilidade de identificarmos se uma pessoa é ou não homossexual, simplesmente pelo jeito de se vestir ou comportar-se, pois, muitas vezes nos surpreendemos com situações inusitadas, quando de repente vimos um jovem com traços e/ou atividades femininas, e logo afirmamos que é homossexual, sem ao menos ter certeza. Por exemplo, um cabeleireiro, um bailarino, ou um lavadeiro, como o caso de Albino, que sofria fortes discriminações da sociedade, por ser lavadeiro e pelo simples fato de se vestir ou com-

portar-se diferente dos outros homens, ditos homens ditos “normais”. Jamais devemos julgar as pessoas apenas pelo recurso visual, exceto se obtiver por fontes seguras, informações claras e precisas sobre a sexualidade da pessoa ou salvo por auto-identificação.

Desejamos a partir desta análise literária, poder contribuir direta ou indiretamente, para o enriquecimento do mundo de leitura de muitos estudiosos e pesquisadores que desejam adentrar no mundo da literatura.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antonio Soares. **História da Literatura Brasileira**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1974.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**, 1857-1913. São Paulo: Paulus, 2005.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 42ª. ed. São Paulo: Editora, Cultix, 1994.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. **Novos estudos - CEBRAP**, São Paulo, n.30, pp. 111-129, jul. 1991.

COUTINHO, Afrânio, **A literatura no Brasil**, 6ª Ed. revisada e atualizada- São Paulo: Global, 2002.

_____. **Introdução à Literatura no Brasil, História e Crítica**, 17ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984, **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**, Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres**, Rio de Janeiro. Edições Graal, 1984.

COVEZZI Marrete; CASTRO, Sueli Pereira. **A Sociologia: a ação social**. 2ª Ed. Revista. Cuiabá: UDUFMT, 2000.

FARIA, Ernesto, 1906-1962. **Dicionário Escolar Latino-Português/ Ernesto Faria**; revisão de Ruth Junqueira de Faria. 6ª edição, 5ª tiragem, Rio de Janeiro: FAE, 1992.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (organizador), **Diversidade Sexual na Educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da imagética cultural ao imaginário**. In: BRUNEL, Pierre; CHEVREL, Yves. *Compêndio de literatura comparada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 133-166.

PAIXÃO, Fernando: **O que é Poesia, Coleção Primeiros Passos**, Brasiliense, São Paulo, 1991.

PEREIRA, Miguel, Lúcia. **História da Literatura Brasileira: Prosa de Ficção de 1870 à 1920**. Coleção documentos brasileiros, vol. 63. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973.

PICAZZIO, **Claudio, Sexo Secreto**: Temas Polêmicos da Sexualidade/ Claudio Picazzio: com a colaboração de Eduardo Bittencourt, Rogério Brugnera e Alexandre R. Araújo.- São Paulo: Summus, 1998.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, Política e Educação**- Campinas, SP: Autores associados, 1998.

WOLITZKI, Fabiana Oliveira de. **O Cortiço**: Retrato Atemporal da Sociedade Brasileira. Juina-MT, 2010.

ZOLA, Émile. **O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro**. São Paulo, Perspectiva S.A. 1979.

GOMES, Mônica dos Santos. **"Germinal e o Naturalismo no Brasil"**. Disponível em: <<http://www.pget.ufsc.br>> Acesso em: 30 de out. de 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Da senzala ao cortiço – história e literatura em Aluísio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>> Acesso em: 01 de nov. 2010.

DROPA, Romualdo Flávio. **Direitos Humanos no Brasil**: exclusão dos homossexuais de. Disponível em: <www.buscalegis.ufsc.br/revistas> Acesso em: 01 de out. de 2010.

_____, **Homofobia no Brasil**, Disponível em: < <http://www.joaocellos.xpg.com.br>> Acesso em: 01 de nov. 2010.

_____, **Direitos Humanos no Brasil: A Exclusão dos Homossexuais**. Disponível em: < <http://www.joaocellos.xpg.com.br> > Acesso em: 27 de nov. 2010.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de **Notas para a história das mulheres: lesbiano**. Disponível em: [http:// www.brevesdesaude.com.br](http://www.brevesdesaude.com.br) > Acesso em 07 de nov. 2010.